



**CAMPANHA
NACIONAL DE
ENFRENTAMENTO
AOS CICLOS DE
VIOLÊNCIA CONTRA
A MULHER**





CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Sumário

O que é	3
Apresentação	4
Justificativa	8
Interlocutoras e interlocutores	11
Objetivos	12
Fundamentação Teórica	14
Referências	19
Proposta Metodológica da Campanha	20
Grupos de Trabalho	20
Eixos de Organização	22
Formação	22
Mídia	23
Atividades de Massa	25
Articulações Institucionais	26
Espiritualidade	28
Etapas	29
Parcerias / Realização	32
Previsão Orçamentária	33
Cronograma	34
Anexos	37

ELABORAÇÃO:

GT GERAL DE CONSTRUÇÃO DA CAMPANHA
COORDENAÇÃO NACIONAL E COMISSÃO NACIONAL DE ASSESSORES

IDENTIDADE VISUAL DA CAMPANHA:

DENYSE NUNES (NORDESTE 5)

DIAGRAMAÇÃO:

THIAGO LEMOS (NORTE 1)



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

O QUE É

Entende-se por esta Campanha um conjunto de ações articuladas pela Pastoral da Juventude, em abrangência nacional, a ser desenvolvido no triênio que compreende os anos de 2017, 2018 e 2019, propondo aos grupos de jovens, instâncias de coordenação e assessoria, e militância em geral, o debate e o enfrentamento às diversas formas de violência que atingem as mulheres no Brasil. A Campanha precisa ser desenvolvida nas relações internas, na incidência externa, no diálogo e articulação com pastorais e movimentos parceiros, e na construção de novas masculinidades.

A Campanha é caminho, com sangue e flores, que se direciona para um Horizonte repleto de vida!



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

APRESENTAÇÃO

*“Ide anunciai aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia.
Lá eles me verão”*

Mateus 28, 10

Nessa passagem bíblica descrita pelo evangelista Mateus acontece a narrativa do encontro de Jesus Ressuscitado com mulheres corajosas. O cenário era de medo, insegurança e ameaça aos seguidores e seguidoras de Jesus, pois o grande líder havia sido morto pelo império romano como sinal de repressão política a quem ousasse desafiar a ordem estabelecida. Ainda assim, elas, como discípulas fiéis, desafiaram novamente tal ordem e foram ao túmulo onde estava o corpo do Mestre. Ao encontrar-se com o grande companheiro ressuscitado, alegraram-se e não titubearam em acreditar no que os olhos viam e no que os ouvidos ouviam: **Jesus estava vivo! O Projeto estava vivo!** E elas precisavam ir anunciar aos irmãos e às irmãs que se dirigissem à Galileia para também se encontrarem com Jesus!

Séculos e séculos se passaram, e essa novidade, revelada primeiro às mulheres e anunciada primeiro por elas, ainda ecoa entre os povos do mundo inteiro, e segue sendo sinal de esperança!

Ao fazer memória do necessário caminho para a Galiléia, a PJ escolhe esse convite desafiante de Jesus como iluminação bíblica para sua Ampliada Nacional (ANPJ), que aconteceu em janeiro de 2017 nas terras romeiras de Crato, no Ceará. A PJ sabe que



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

a Galileia é o seu lugar por excelência, pois é onde o mandato missionário acontece. É aí que estão os e as pobres, é aí onde estão as contradições, as violências e as negações de direito que os e as atingem na pele, na carne, na sua dignidade. A PJ compreende que aí é onde estão as juventudes empobrecidas, e passa a chamar esse chão sagrado de *“Galileias Juvenis”*. O caminho metodológico da ANPJ apontou para algumas dessas Galileias, com destaque à Galileia das jovens mulheres marginalizadas.

No texto base proposto, com a contribuição da Pastoral da Mulher Marginalizada, olhou-se com mais atenção para as realidades dolorosas que marcam a vida de tantas mulheres no Brasil. Os dados de violações de direitos e dignidade, e de exposição às diversas formas de violência, assustam, alertam, e exigem tanto sensibilização quanto ações proféticas, ou seja, que sejam transformadoras de fato.

Esse grito pela vida das mulheres vem sendo ecoado (e silenciado) há muito nos espaços da Pastoral da Juventude, assim como em todos os espaços da sociedade. Ele ressoou forte no **11º Encontro Nacional da PJ (ENPJ)**, em janeiro/2015 na cidade de Manaus/AM, e chegou com força na **Ampliada Nacional da PJ** em 2017.

É pelo desejo de entender a complexidade dos ciclos de violência e as formas como se manifestam, e para não ser omissa diante desses gritos, que a Pastoral da Juventude Nacional assume, como uma de suas prioridades para o triênio, a construção desta Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher, que abordará as diversas dimensões da realidade



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

destas violências: simbólica, psicológica, financeira, doméstica, sexual e midiática. Essa prioridade ousa expor um problema vivido por muitas mulheres, de dentro e de fora da Igreja, bem como trazer para o centro dos seus espaços formativos e de organização uma ferida aberta há muito tempo.

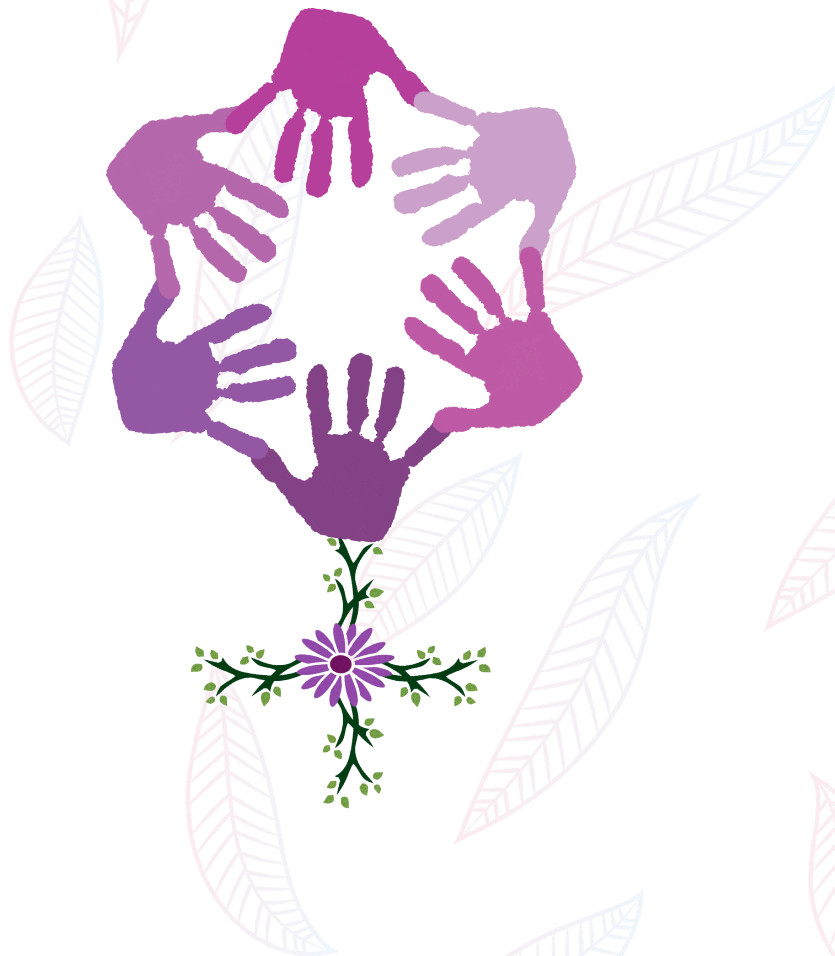
Está proposto um caminho metodológico que compreende três etapas: o ano de 2017, com processos internos e a elaboração do projeto; 2018, com o lançamento da Campanha e da Cartilha de Orientações, articulação e organização nos regionais; e 2019, com o lançamento do projeto dos 50 anos da PJ que neste ano terá “Mulheres” como tema central, lançamento do Texto Base e formação permanente. O caminho compreende também quatro eixos - formação, mídia, atividades de massa e articulações institucionais -, e diversas possibilidades de ações concretas, de intervenção e parcerias, como encontros de formação de multiplicadores/as, audiências públicas, debates presenciais e virtuais, elaboração de cartilhas e subsídios para grupos, entre outras.

A partir da experiência profética acumulada pela Pastoral da Juventude ao promover, entre os anos de 2009 a 2015, juntamente com as outras PJs (PJE, PJMP e PJR), a Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, agora é possível ampliar e fortalecer os horizontes e os compromissos para transformar esta realidade presente em novo céu e nova terra! Se por um lado a discussão e a bandeira de luta contra todas as formas de violência juvenil seguem necessárias, inquietantes e fundamentais na PJ e nos movimentos de juventudes, hoje a pastoral atreve-se a assumir mais um urgente desafio que é enfrentar, específica e corajosamente, as diversas formas de violência contra as mulheres.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Queremos dizer então, com essa nova campanha, que basta de violência contra as mulheres; que o ódio, o machismo e o patriarcado não vão permitir que a Civilização do Amor se concretize! É preciso somar forças e fazer mutirão para que a campanha seja ressoada em todo o país, em cada canto, em cada paróquia, em cada grupo e, sobretudo, em cada casa. À luz do Evangelho, possamos juntas e juntos construir mulheres novas e homens novos, segundo o desejo de Deus, com a igualdade e a liberdade a que todas e todos têm direito de forma plena e inalienável.





CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

JUSTIFICATIVA

O cenário nacional da violência exibe uma realidade alarmante, que deve inquietar profundamente todos os cristãos e cristãs. O Brasil é o 5º país em violência contra a mulher: os casos que chegam a ser denunciados apontam que a cada cinco minutos uma mulher é agredida (e em 70% dos casos, o agressor é o próprio parceiro), e treze mulheres são mortas por dia (cinco mil mulheres por ano). Uma pesquisa aponta que 78% das mulheres de 16 a 24 anos já sofreram assédio em locais públicos. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública traz o estarrecedor número de 130,5 casos de estupros por dia em 2014 (47.646 casos registrados), e sabe-se que diariamente são registradas cerca de 50 denúncias de abuso sexual no país. Soma-se a isso o aumento da população prisional feminina: mesmo que essa parcela seja apenas 8% da população carcerária, nos últimos dez anos houve um aumento de 260% no número de mulheres presas, enquanto que o contingente de homens presos aumentou 105%. É uma face bruta e cruel desse sistema machista e patriarcal, que soma o encarceramento do rosto feminino ao processo de feminilização e criminalização da pobreza.

O machismo é muito mais presente nas relações entre homens e mulheres do que se vê explicitamente: ele mora nos detalhes, nas subjetividades, no olhar, no silenciamento, na opressão e na negligência. Compreende-se que essa discussão não será fácil, pois ainda existem aqueles/as que a querem silenciada; outros/as que vão relativizando-a para diminuir a gravidade dos fatos, ou que fazem “introduzir” várias outras discussões que escanteiam mais uma vez a abordagem direta sobre as violências contra as mulheres; há ainda



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

aqueles/as que permitem, no máximo, que a discussão fique nas entrelinhas, nos porões, feita apenas às sombras. Ousemos acender as luzes e escancarar essa realidade sentida pelas jovens dos grupos de jovens e coordenações, pelas assessoras, e por todas as mulheres, principalmente as mais pobres. *Não podemos mais abafar o grito delas pedindo socorro, pedindo ajuda para sobreviver, e desejando profundamente que suas vidas sejam mais floridas, coloridas e perfumadas.*

De forma muito singela, deseja-se sim que a Campanha contribua na reflexão e na percepção de situações e ciclos de violências a que as mulheres são submetidas todos os dias; mais do que isso, que esta ação profética da PJ favoreça o encorajamento e a libertação destas mulheres, a fim de que se rompam todos os ciclos de morte, e estas mulheres, empoderadas e protagonistas de suas vidas, ajudem a empoderar outras mulheres.

É importante lembrar ainda que, no ano de 2018, a Campanha da Fraternidade proposta pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) fez um grande movimento de discussão, à luz da fé, sobre a questão da violência. O tema “**Fraternidade e superação da violência**”, e o lema “**Em Cristo somos todos irmãos**” (Mt 23,8). Somando-se a esta luta de enfrentamento à violência em todas as suas formas, e buscando compreender a estrutura que a engendra e sustenta, a PJ também quer sensibilizar e colocar na rua essa Campanha de enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher, que nasce como uma prioridade para a pastoral, e que está em plena sintonia com as denúncias e os anúncios feitos pela Igreja do Brasil, podendo inclusive apresentar-se como uma ação concreta a ser desenvolvida em todos lugares.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

No âmago dessa luta, sejamos sempre inspiradas e inspirados pelas grandes mulheres da Bíblia, como Maria (Lc 1, 26-56; Lc 2, 1-52; Mt 1, 18; Mt 13, 54-56; Mc 3, 31-35; Jo 2, 1-12; Jo 19, 25-27; At 1, 14), Rute (Livro de Rute), Ester (Livro de Ester), Deborah (Juízes 4 - 5), Ana (1 Sm 1 - 2; Lc 2, 36-40); Madalena (Mt 27, 56-61; Mt 28, 1-11; Mc 15, 40-47; Mc 16, 1-11; Lc 24, 1-11; Jo 19, 25; Jo 20, 1-18), Marta (Lc 7, 44-50; Lc 10, 38-42; Jo 11, 1-45; Jo 12, 1-7), Joana (Lc 8, 1-3; Lc 24, 1-11), e Suzana (Daniel 13, 1-64; Lc 8, 1-3). Ainda motivem-nos tantas mártires que doaram suas vidas pelo projeto da Vida, e que incomodaram muito mais por serem mulheres - como Ir. Dorothy Stang, Margarida Alves, Berta Cáceres, Marielle Franco -, e também outras tantas mulheres latino americanas, conhecidas ou anônimas, que revolucionam o mundo a partir de suas realidades.





CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

INTERLOCUTORAS E INTERLOCUTORES

A Campanha opta por trabalhar na perspectiva de interlocutoras/es, pois entende que há sempre troca de saberes nas diferentes formas de comunicação, abordagem, formação e articulação. Portanto, pretende-se construir esse movimento com:

- Jovens mulheres e jovens homens que participam dos grupos de jovens, bem como lideranças jovens e assessoras/es adultas/os da Pastoral da Juventude;
- Mulheres, em especial jovens, que estejam em situações de vulnerabilidade e risco social, devido a exposição direta à violência;
- Poder público;
- ONGs, organizações diversas, pastorais, organismos eclesiais, projetos sociais, movimentos sociais e juvenis, entre tantos/as outros/as, que contribuem nessa discussão.



CAMPAÑA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

OBJETIVOS:

Objetivo Geral

Enfrentar os ciclos de violência contra as mulheres, na ousadia de desnaturalizar o machismo e o patriarcado que sustentam a cultura da violência, para construir uma nova ordem pautada por relações justas e igualitárias;

Objetivos específicos

1. Despertar, internamente na Pastoral da Juventude e na Igreja, a sensibilidade para a temática e sua urgência, visando ao empoderamento das mulheres e também à construção de novas masculinidades;
2. Compreender a violência contra a mulher a partir dos determinantes de raça, orientação sexual, identidade, classe, religião, entre outros, e de suas implicações;
3. Ter, em todas as instâncias, mulheres protagonizando a construção e dinamização da Campanha;
4. Nivelar o conhecimento e a linguagem entre todas/os as/os jovens que irão dinamizar a Campanha nas diversas instâncias, por meio da produção de materiais, reflexões, e um glossário básico em torno dos conceitos e dos tipos de ciclos de violência;
5. Enfrentar os ciclos de violência contra as mulheres internamente na Pastoral da Juventude - grupos de jovens, coordenações e assessorias -, a partir da coerência e do testemunho evangélicos, através de processos permanentes de formação e sensibilização;
6. Fortalecer e ampliar a participação das mulheres nos espaços de coordenação e na representatividade em todas as atividades



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

desenvolvidas pela Pastoral da Juventude, tendo a paridade de gênero como critério ideal;

7. Estimular a criação de ações concretas nos âmbitos de: acolhida e cuidado para com as vítimas; prevenção; reparação das violências; promoção de transformações dos contextos sociais e superação da cultura da violência;

8. Fortalecer a Campanha como referência de ação para a proteção social ligada às adolescentes e jovens nos espaços de incidência da sociedade civil organizada, tal como as redes socioassistenciais e intersetoriais de proteção do Sistema Único de Assistência Social - SUAS.





CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher tem a intenção de contribuir com a desnaturalização do machismo, através dos espaços de atuação da Pastoral da Juventude, e inclusive dentro das próprias instâncias de organização da PJ. Porém, ainda mais do que isso, a Campanha intenciona provocar as e os jovens a refletirem sobre as diferentes fases e roupagens da violência contra a mulher, a fim de que sejam promovidas mudanças de comportamentos e mentalidades.

No Brasil, o enfrentamento à violência contra as mulheres ganhou relevância principalmente nas décadas de 70 e 80, com a visibilidade do movimento de mulheres e de feministas que reivindicavam direitos e punições às agressões sofridas por elas, em grande parte cometidas por seus companheiros. Os slogans “Quem Ama não Mata” e “O Privado também é Político” tinham a intenção de tornar visível o sofrimento das mulheres, assim como de fazer com que o debate tomasse a agenda pública naquele momento, transformando a questão da violência em problema social - afinal, com uma repercussão de ordem política, o Estado brasileiro teria que intervir.

No que diz respeito à violência contra a mulher, o Brasil infelizmente é um dos líderes mundiais: ocupa o 5º lugar no ranking dos países mais perigosos para as mulheres viverem, segundo último Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres¹. Com o alto índice



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

nas taxas de assassinatos de mulheres, torna-se urgente realizar campanhas locais, bem como somar iniciativas de caráter mais amplo, a fim de que seja quebrado esse perverso ciclo que dizima parte da população feminina do Brasil. No caso do feminicídio², a face mais perversa do machismo e da misoginia, é alarmante constatar que a maior parte desses crimes é cometida por parceiros íntimos, ou seja, conhecidos das mulheres, pessoas com as quais teceram relações afetivas e estabeleceram vínculos de confiança.

Ainda segundo os dados do último Mapa da Violência, a maior incidência de feminicídios concentra-se sobre as mulheres mais jovens, de 18 a 30 anos, e dentre elas, as negras aparecem como as maiores vítimas. Se em dez anos os crimes cometidos contra as mulheres brancas diminuíram 10%, os assassinatos de mulheres negras aumentaram em 54%. Ou seja, pensar o enfrentamento à violência contra a mulher significa compreender e enfrentar o racismo presente nas relações e em todas as instituições, somado ainda a outros marcadores sociais, a fim de que sejam produzidas estratégias coletivas e plurais para este enfrentamento.

Os índices do Mapa da Violência são reflexos de uma cultura que articula o “nó” entre diversos sistemas de opressão e de exploração. A socióloga Heleieth Saffioti sistematiza este “nó” da seguinte forma: a violência contra a mulher é fruto de uma socialização machista, sustentada por um sistema patriarcal, que se vincula a um sistema racista e capitalista, configurando-se então um grande e complexo sistema de dominação e exploração, que torna as mulheres pobres e

2 - Assassinato de mulher, cometido por razões de condições do sexo feminino, que envolve crime de violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação a condição de ser mulher.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

negras as maiores vítimas destas estruturas (Saffioti, 1987). Portanto, o enfrentamento desta realidade opressora requer uma abordagem que seja feminista - ou seja, que faça questionar papéis hegemônicos e hierarquias cristalizadas -, mas que seja também anti-patriarcal, antirracista e anticapitalista, a fim de que alcancemos a superação integral desta histórica e violenta dominação masculina sobre as mulheres.

Porque discutir violência contra as mulheres com as e os jovens?

Em pesquisa realizada no ano de 2014 pelo Instituto Avon e o Data Popular, com o objetivo de saber a percepção de jovens de 16 a 24 anos de várias regiões do país sobre a violência contra a mulher, o comportamento machista aparece com grande prevalência e ainda continua a se perpetuar entre os homens mais jovens. A pesquisa mostra que, se por um lado estes jovens conhecem e aprovam a Lei Maria da Penha (96%), assim como também entendem que ainda há machismo no Brasil (96%), quando provocados vão concordar com valores e padrões machistas³, que remetem sempre ao controle do corpo das mulheres jovens, tanto em relação à roupa quanto à forma como elas vivem a sua sexualidade.

No que diz respeito à violência cometida contra elas, 51% das entrevistadas disseram sofrer com algum tipo de investida de ex-parceiros, mesmo após o marco do fim do relacionamento, sempre um momento crítico onde a ofensiva machista contra as meninas pode ser mais perigosa e letal. Para muitas jovens, a violência é

³ - Pesquisa realizada com 2.046 jovens de 16 a 24 anos das cinco regiões do Brasil, 2014.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

um fator que vai determinar também sua relação com o espaço público. Segundo pesquisa da Agência Énois Inteligência Jovem em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e a Agência Patrícia Galvão, 90% das meninas disseram deixar de fazer alguma coisa com medo da violência, tal como não usar determinado tipo de roupa (27%) e/ou não sair à noite (31%). Além da violência ser um fator presente na vida de todas, ainda segundo esta pesquisa, o machismo também é entendido por elas como um fator que atrapalha seu desenvolvimento, dificultando a participação em determinados tipos de esportes, por exemplo, bem como restringindo o acesso a certos tipos de profissões, como aquelas ligadas à tecnologia, entre outras.

Diante deste cenário, pode-se perguntar: *Como fica a vivência da condição juvenil para estas jovens? Como fica a experimentação e a oportunidade de ampliar o repertório social e cultural do/a jovem nos contextos marcados pela violência?*

Quando se discute sobre juventude e condição juvenil, torna-se imprescindível fazer o recorte de gênero... Considerando que as diferentes faces da violência contra a mulher perfazem uma engenhosa construção cultural, social, histórica, política e econômica, é preciso ressaltar que tal fenômeno está relacionado à dimensão do poder entre os gêneros. Vivemos em uma cultura androcêntrica, ou seja, grosso modo, o poder está nas mãos de machos, brancos, e de preferência héteros ou daqueles que reproduzem uma masculinidade hegemônica/padrão, onde a agressividade e a violência são atributos valorizados (Saffioti, 2015). Segundo a autora, a perpetuação da violência, portanto, está relacionada a uma socialização machista,



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

diariamente reproduzida nos meios de comunicação, na escola, na família, nas igrejas!

Assim, embora tenhamos vagarosamente avançado em muitas dimensões, a educação sexista entre meninos e meninas é um fator que precisa ser encarado com mais seriedade pela sociedade e pelo Estado brasileiro, pois é geradora das intolerâncias e violências que queremos combater. A cristalização desta socialização sexista é processual e acontece desde a infância - quando, por exemplo, diferencia-se as vivências e os espaços das crianças através de uma desigualdade de gênero: para os meninos, brincadeiras relacionadas a velocidade, agressividade, criatividade, e ao espaço público; em contrapartida, as brincadeiras e os brinquedos tidos como de meninas (casinha, bonecas) estimulam a retração social, o confinamento ao privado e a reserva ao espaço doméstico.

Este cenário patriarcal, muito bem articulado na intencionalidade da supremacia masculina, faz com que homens e mulheres cresçam agindo e pensando como se tivessem nascido naturalmente com atitudes e características tidas como femininas ou masculinas - por exemplo, *“andar que nem homem”, “sentar que nem mulher...”* -, quando, na verdade, todas essas características são construídas social e culturalmente, e pouco a pouco vão sendo naturalizadas. Esse processo educativo, com amplo impacto social e político, nega o desenvolvimento sadio e livre de crianças e jovens, pois estimular afeto, cuidado, força e coragem, é direito de qualquer pessoa humana, e não se pode subtrair isso a qualquer criança ou jovem diferenciando-se as brincadeiras, as cores e o mundo de acordo com seu sexo/gênero. Em larga escala e com alcance global, esse



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

sistema de desigualdade e opressão, profundamente arraigado desde o princípio da vida, traz como trágica consequência a morte das mulheres e a produção de homens sofrivelmente violentos.

Reconhecer o machismo como um comportamento intensamente presente em nossa sociedade é importante, mas não o suficiente para erradicá-lo, o que torna urgente discutir com as/os jovens a perversa espiral da violência contra as mulheres: suas raízes, suas consequências, e os caminhos para eliminá-la. A campanha da Pastoral da Juventude pretende descortinar e apresentar estes dados de maneira reflexiva e profética entre as juventudes, lançando o desafio do enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher a todos os grupos de jovens e a todas as pessoas comprometidas com a proposta libertária de Jesus.

Referências:

SAFFIOTI, Heleieth.I.B. O Poder do Macho. São Paulo: 1ª edição, Editora Moderna, 1987.

_____ Gênero, Patriarcado, Violência. São Paulo, 2ª edição; Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

Sites acessados:

WALSELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil. FLACSO Brasil: Brasília, 2015.

Pesquisa Instituto Avon/Data Popular, Violência contra a mulher: o jovem está ligado?, São Paulo, 2014

Sites:

<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/> acesso em: 07 de agosto de 2017.

http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens_versao02-12-2014.pdf acessado em: 12 de julho de 2017.

<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wpcontent/uploads/2015/07/>

[ENOIS_meninapodetudo2015.pdf](#) acessado em: 12 de julho de 2017.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

PROPOSTA METODOLÓGICA DA CAMPANHA

A metodologia da campanha passa pela constituição de grupos de trabalho, definição de eixos organizativos e construção de etapas processuais. A seguir, descreveremos este caminho.

GRUPOS DE TRABALHO

Para melhor organizar e dinamizar a Campanha, serão constituídos Grupos de Trabalho que se responsabilizam por conduzir os processos, em sintonia e diálogo constante com a Secretaria e Coordenação Nacionais, e Comissão Nacional de Assesores/as da PJ. Com exceção do GT provisório, os demais permanecerão até a Ampliada Nacional de 2020, quando a Campanha passará por avaliação e revisão. Esses GTs serão:

– **GT Provisório:** grupo que teve a tarefa de elaborar uma proposta do projeto da Campanha, com os apontamentos feitos pela Ampliada Nacional de Crato/2017. A sua composição foi a partir de indicações da Coordenação Nacional em sua primeira reunião ordinária de 2017, levando em consideração a constituição por mulheres, da CN e externas, que militavam na causa. De forma geral, após encaminhamento da SN/CN/CNA em sua segunda reunião ordinária de 2017, permaneceu a constituição do GT provisório com as pessoas indicadas, e somaram-se homens ao grupo;

Após o lançamento da Campanha em janeiro/2018, e ainda contando-se com o serviço do GT Provisório, foi desencadeado pela CNPJ e CNAPJ o processo de composição dos GTs Central e Geral da Campanha. Seguindo a pedagogia da Pastoral da Juventude,



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ou seja, de forma processual, horizontal, democrática e cuidante, a proposta foi compor, até o segundo semestre de 2018, os seguintes Grupos de Trabalho:

– **GT Central:** composto por até 2 jovens indicados/as por cada Regional, de fora da CNPJ, de preferência salvaguardando-se a paridade de gênero – ou seja, um homem e uma mulher -, de 15 a 29 anos, com disponibilidade para compor a Equipe Central até a ANPJ de 2020. Esse grupo possui a responsabilidade de canalizar as demandas referentes à organização, sistematização e memória histórica da Campanha, bem como ser referência para os regionais. Ainda, será responsável pela tarefa financeira da Campanha, em diálogo direto com o GT de Finanças da PJ Nacional;

– **GT Geral:** composto por pessoas jovens ou adultas, em quantidade indeterminada, que sejam consultadas e tenham disponibilidade para contribuir como assessorias especializadas de forma pontual ou permanente durante a realização da Campanha. Como uma equipe ampliada, esse grupo tem a tarefa de elaborar materiais, documentos, propor processos, atividades, ser interlocutor direto com os regionais, além de dinamizar a comunicação e as redes sociais da Campanha, em construção coletiva com a equipe de comunicação da PJ Nacional. É interessante mencionar a autonomia que esse GT tem para conduzir os processos, podendo solicitar/criar equipes específicas, internas ao GT ou com pessoas externas, para a execução de tarefas pontuais (exemplo: organizar um seminário nacional – será necessário ter equipes locais que contribuam com a infraestrutura da atividade).



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

EIXOS DE ORGANIZAÇÃO

Os eixos de organização que seguem – formação, mídia e atividades de massa – podem ser dinamizados de forma específica, mas é importante saber que eles são transversais uns aos outros, ou seja, necessitam de ações articuladas e sintonizadas na mensagem a ser transmitida e na função a ser desempenhada. Para melhor vivência desta dimensão da transversalidade, tem-se a espiritualidade como um possível e potente laço de articulação entre todos os eixos.

No 12º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, acontecido em janeiro de 2018 em Rio Branco/AC, por ocasião do lançamento da Campanha, grupos de trabalho se debruçaram sobre os eixos, elaborando propostas, atividades/ações e orientações gerais/pressupostos para o desenvolvimento do respectivo eixo. De forma sucinta, elas aparecerão nas descrições que seguem abaixo.

1. Formação

Este eixo refere-se a todo o trabalho de base destinado a desenvolver a formação integral e libertadora assumida pela PJ. É fundamental que a formação seja feita junto aos grupos de jovens e junto às coordenações, em todas as instâncias pastorais e também para fora das estruturas eclesiais. Deve valer-se das estratégias mais adequadas para as finalidades da Campanha. Sugere-se que o caminho possa contemplar:

a) Dimensão teórico-conceitual: Nivelar os entendimentos, abordagens e conceitos da temática da Campanha entre os/as jovens, assessores/as e pessoas que possam vir a se envolver nos processos.

b) Atividades de Formação: Oficinas, fóruns, debates, seminários, encontros, ciclo de Estudos, cine debate, etc.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

c) Rodas de Conversa: Destacam-se como metodologia privilegiada para organização de encontros aos grupos pequenos, favorecendo a formação de lideranças. Podem ser ocasiões únicas ou encadeadas em séries, com temáticas variadas. Devem considerar e reconhecer a realidade local de cada grupo e comunidade.

d) Materiais e Produção de Conteúdo: Subsídios, cartilhas, músicas, revistas, vídeos (filmes e documentários) e outros tipos de materiais em geral, de fácil utilização, com largo alcance e que podem ser ótimos companheiros de caminhada para quem deseja desenvolver ações de cunho formativo. A utilização de dinâmicas também tem lugar privilegiado nestes tipos de ações. Pode-se produzir novos materiais ou retomar e atualizar alguns dos que já existem, direcionando-os para a temática específica da Campanha.

e) Parcerias: É a aproximação com quem pode fazer a discussão relativa à Campanha, e assim contribuir no processo local: Pastorais, Movimentos e Organismos Eclesiais; Movimentos Sociais/Populares/Globais, Organizações Não-Governamentais, Grupos e Redes Sócio-comunitários; Órgãos Públicos; Conselhos de Direitos; Mídia; Centros de Estudo, Pesquisa e Formação; Redes de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contras as Mulheres; Outras Igrejas e denominações religiosas.

f) Atividades Permanentes das PJs: A Campanha pode e deve estar presente em todas as atividades permanentes da pastoral, sendo a formação um dos objetivos do alcance das ações.

2. Mídia

A arte da comunicação é essencial para uma realização exitosa da Campanha. Pensar no desenvolvimento das ações de forma criativa, lúdica e interativa, parece fundamental para o total



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

alcance dos objetivos propostos. Neste contexto, a intervenção em redes sociais e espaços virtuais é fundamental para o processo de capilarização da Campanha e da discussão que ela irá desencadear nos âmbitos micro e macro, permitindo assim que a pauta esteja em foco permanente.

Para isso, é preciso qualificar essa forma de incidência, podendo-se utilizar de: preparação de materiais audiovisuais (vídeos - filmes e documentários -, fotografias, edição de imagens, cartazes e banners eletrônicos, músicas, hino da Campanha...); produção de conteúdo virtual (adesivo em fotos de perfis com o logo da Campanha, divulgação de orientações de cunho educativo e assistencial para casos de violência); e exploração de toda a diversidade de mídias disponíveis (inclusive rádio comunitária e online). Toda a potência do espaço midiático ainda apresenta outros recursos, como a utilização de um canal específico no Facebook e no Youtube para a Campanha, a criação de um aplicativo, ou a disponibilização de instrumentos para acesso amplo e longo alcance, como bancos de dados ou arquivos virtuais (de trabalhos acadêmicos que falam sobre o assunto, por exemplo).

Assim como saber escolher e planejar a melhor utilização dos recursos disponíveis, é muito importante propor o uso de linguagens virtuais que dialoguem com as juventudes dos tempos atuais - por exemplo, evitando-se termos técnicos ou teorizações excessivas. No caso específico desta Campanha, é igualmente necessário estudar as formas de atingir e sensibilizar o público de homens.

Neste eixo, é proposto também o monitoramento midiático, sabendo-se que a mídia é um lugar tanto de reprodução da cultura



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

da violência através de concepções e preconceitos, quanto de exposição de casos de violências que atingem diariamente dezenas de mulheres em todos os cantos do país.

Por fim, atente-se para o fato de que qualificar a ação midiática requer também preparo e, para isso, é interessante convidar movimentos de mídia alternativa e midialivrismo para oficinas técnicas e temáticas em torno da discussão da Campanha e suas diversas demandas.

3. Atividades de Massa

Atividades de massa permitem unificar a luta em torno de uma causa comum. No processo de sensibilização de grupos, comunidades, e da sociedade como um todo, a massificação da pauta exige desenvolver atividades que possam aglomerar mais e mais pessoas, em diferentes momentos do processo de formação, como forma de propor espaços de motivação, discussão e repercussão política. As atividades de massa geralmente são realizadas junto com parcerias, podendo abranger serviços, organizações e instituições locais; em se tratando especificamente de juventude, envolver as escolas parece fundamental.

Eventos culturais, panfletagens, concentrações diocesanas, jornadas, marchas, romarias da juventude, são algumas das atividades típicas para este eixo. A criação de um Dia Nacional de Luta pode também ser interessante, abrangendo atividades de cunho social e cultural nas comunidades, tanto para a participação massiva de pessoas (marcha, pedalada, caminhada, show, palestra na comunidade, etc), quanto para a oferta de serviços às mulheres



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

(atendimento da defensoria pública, psicóloga/o, justiça restaurativa em conjunto com núcleo de justiça e paz, etc).

Atividades de massa já realizadas pela pastoral, como os encontros regionais e as romarias regionais, podem ser unificadas ao processo nacional da Campanha através de símbolos, temáticas e propostas comuns.

4. Articulações institucionais

Juntos e juntas andamos bem melhor! Para muitos espaços, e para uma incidência política com mais força, é importante que a agenda de lutas da PJ em torno da Campanha seja conhecida e possa firmar laços com entidades, organismos, ONGs, grupos, centros e institutos de juventude, pastorais e movimentos sociais, que já vêm fazendo essa discussão há mais tempo, e com quem temos muito que aprender. Essas articulações vêm a somar e a fortalecer a luta em todos os eixos da Campanha, e podem se realizar através de diálogos, eventos, atividades comuns, troca de materiais, prestação de serviços, mobilização de projetos financeiros conjuntos, grupos de estudos, grupos de pesquisa, grupos de trabalho, etc. São exemplos destas aproximações potencialmente fecundas: propor e mobilizar ações junto ao poder público, (jurídico, executivo, legislativo...), mapear parlamentares que defendem a causa, organizar conferências, fóruns e atividades de rua, aproveitar meses temáticos com repercussão social (outubro rosa, novembro azul, etc), entre outras.

Para dentro do contexto eclesial, a proposta da Campanha deve ser apresentada o mais amplamente possível. Assim, podem-se aproveitar as articulações que já existem, como os meses temáticos



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

do calendário litúrgico, a Campanha da Fraternidade e a Agenda Latinoamericana. Para sair do campo interno da PJ, as articulações institucionais são fundamentais para projetar a Campanha num contexto maior, para fora, especialmente na direção de se construir uma agenda política de enfrentamento aos ciclos de violência contra mulher.





CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ESPIRITUALIDADE

A dimensão mística e a prática da espiritualidade conferem sentido fundante, de unidade e profetismo, comunhão e coerência, à vivência da Campanha. Com a potência de traçarem um laço de articulação entre os quatro eixos de organização - formação, atividades de massa, mídias e articulações institucionais -, algumas propostas neste campo de mística e espiritualidade podem ser muito eficazes para o caminho de enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher. São elas: Leitura Orante da Bíblia com linguagem feminista (por exemplo: caminho do calvário; Madalena; Magnificat de Maria; Moisés; Marta e Maria; Samaritana; Ester; Ruth; Mulheres e Jesus; Verônica; Deuteronômio); Marchas das Mulheres; Ofício Divino da Mulher; retiros espirituais relacionados à temática da Campanha; músicas que falam da mulher; etc.

Alguns cultivos importantes devem ser destacados quando se fala da prática de uma espiritualidade que seja de fato libertadora e que propicie cuidado integral com a vida: mostrar várias faces das mulheres (encarcerada, indígena, ribeirinha, quilombola, em situação de rua, mulheres trans, mulheres gordas); discernir de qual feminismo a Campanha está tratando; valorizar e difundir a espiritualidade mariana; fazer união fé e vida, ou seja, tratar de uma fé encarnada na realidade concreta; explorar as referências bíblicas de Maria e de outras mulheres das Sagradas Escrituras; entre outros.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ETAPAS

Optou-se por dividir os anos do triênio 2017 - 2019 em três etapas que se complementam e apontam para atividades processuais, permanentes e sintonizadas:

Primeira etapa (durante o ano de 2017):

- Composição do Grupo de Trabalho Provisório, formado por mulheres e homens, para elaboração reflexivo-metodológica da Campanha a partir dos clamores já existentes nas bases e que foram reafirmados na ANPJ de Crato em janeiro/2017; sistematização dos conteúdos em forma de projeto.
- Contribuições ao projeto e aprovação da Campanha, por meio da Secretaria Nacional, Coordenação Nacional e Comissão Nacional de Assessores/as da PJ.
- Elaboração de uma identidade visual para a Campanha;

Segunda etapa (durante o ano de 2018):

- Lançamento Oficial da Campanha no Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (ENPJ) em janeiro/2018, no Acre, com a proposta de um dia específico para tratar dessa discussão, provocar debates e construções entre grupos, e posteriormente realizar o lançamento em abrangência nacional;
- Publicação de materiais oficiais, como a Cartilha de Orientações sobre a Campanha, o cartaz, o hino e a ciranda, entre outros;
- Articulação e organização nos regionais, com criação dos GTs Geral e Central.
- Formação para as lideranças que protagonizarão a Campanha nas diversas instâncias de atuação;



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- Elaboração de Subsídios aos Grupos de Base e equipes pastorais (roteiros de encontros/rodas de conversa, LOB, ODJ, etc.);
- Qualificação da incidência midiática da Campanha, através da produção e divulgação de textos, artigos, materiais audiovisuais e outros, nas redes sociais e nos canais oficiais da PJ - site, página no facebook, instagram, canal no youtube. No site, criação de uma secção exclusiva para a Campanha, disponibilizando bancos de dados, documentos, pesquisas, links, além dos diversos materiais produzidos pelos regionais e pelas dioceses e que podem ser reproduzidos em outros lugares;
- Divulgação de ações e materiais de outras organizações na linha do enfrentamento à violência contra a mulher;
- Realização de debates virtuais nos canais oficiais da PJ Nacional, com transmissão pelas redes sociais.
- Realização de debate e de ações concretas pertinentes à Campanha, em âmbito local, aproveitando o impacto e a organização das Atividades Permanentes das PJ, segundo as temáticas específicas propostas para cada ano.

Terceira etapa (durante o ano de 2019):

- Elaboração conjunta do Texto Base da Campanha;
- Intervenção social através da articulação de frentes e/ou redes de ações específicas com ampla repercussão pública (para cuidado e suporte às vítimas, para denúncia pública, monitoramento de mídia, entre outras...);
- Fortalecimento das estratégias de incidência midiática nas redes sociais e nos canais oficiais da PJ, com manutenção da secção exclusiva para a Campanha no site da pastoral;
- Elaboração de subsídios aos Grupos de Base e equipes pastorais (roteiros de encontros/rodas de conversa, LOB, ODJ, etc.);



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- Divulgação de ações e materiais de outras organizações na linha do enfrentamento à violência contra a mulher;
- Realização de debates virtuais nos canais oficiais da PJ Nacional, com transmissão pelas redes sociais;
- Realização de debate e de ações concretas pertinentes à Campanha, em âmbito local, aproveitando o impacto e a organização das Atividades Permanentes das PJ, segundo as temáticas específicas propostas para cada ano;
- Início do projeto de celebração dos 50 anos da PJ, que em 2019 trará como temática central as mulheres bem como o fortalecimento da Campanha Nacional;
- Processo preparatório da Ampliada Nacional da Pastoral da Juventude/ANPJ: durante o ano de 2019, a Pastoral da Juventude Nacional estará em pleno processo de planejamento da ANPJ 2020. Os passos dados pela Campanha também precisarão entrar nesse movimento de avaliação pastoral próprio de uma Ampliada, a fim de que os regionais que possam medir seus impactos e alcances, suas dificuldades e conquistas. A Campanha, segundo o caminho refletido na ANPJ de Crato, projeta-se a curto, médio e até longo prazo; porém, essa ANPJ - sabendo-se que as Ampliadas constituem-se como instância máxima das decisões pastorais - tem autonomia para, num grande coletivo e num movimento democrático, avaliar e reafirmar a mesma. A liberdade deste processo pode projetar quaisquer perspectivas futuras cabíveis para a Campanha, valorizando todo o caminho feito até então.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

PARCERIAS/REALIZAÇÃO

Todo o caminho a ser percorrido torna-se mais sólido quando feito junto de quem sonha o mesmo sonho, ousando transformar contextos e tornar possíveis outras realidades. Nesse sentido, para interligar ações e torná-las mais efetivas, buscaremos construir, promover e aproximar parcerias que atuam no enfrentamento à violência contra mulher, tais como: Pastorais, Movimentos e Organismos Eclesiais; Movimentos Sociais/Populares/Globais, Organizações não governamentais, Grupos e Redes Sócio-comunitários; Órgãos Públicos; Conselhos de Direitos; Mídias; Centros de Estudo, Pesquisa e Formação; Universidades; Observatórios de Juventude; Redes de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres; Igrejas e demais denominações religiosas; entre outras.

Das parcerias locais (com entidades, serviços e coletivos) até às nacionais (com organizações articuladas nessa instância), os diálogos e as pontes poderão ser construídos tanto de acordo com demandas específicas da campanha – formação, articulação, fóruns, audiências públicas, etc. –, quanto de forma orgânica, pensando na construção de espaços próprios, especialmente na incidência externa à PJ. É importante que cada instância seja sensível a esta necessidade e, mais que isso, que esse movimento de aproximação seja horizontal e co-responsável.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA

No presente projeto, não será apresentada, de forma quantitativa, a previsão orçamentária para a realização da Campanha. A ideia é apenas sinalizar uma dimensão que precisa ser tratada com muita atenção, responsabilidade e cautela. A construção de um projeto de sustentabilidade específico para a Campanha deverá organizar esta dimensão do trabalho.

Seguem alguns indicativos que precisarão ser observados quando da execução das atividades e do atendimento às demandas:

- Passagens e diárias para reuniões do GT Central (encontro de formação para multiplicadoras/es regionais; encontros para organização, construção e monitoramento das ações da Campanha, bem como para partilha das ações regionais/locais);
- Material de secretaria: impressões, site, internet, telefone;
- Material para visibilidade e publicidade da Campanha: folders, cartazes, cartilhas, subsídios, botons, banners, camisetas, espaços virtuais, etc.
- Acompanhamento e suporte para a organização de atividades regionais/locais.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

CRONOGRAMA

Para o bom andamento do processo, é importante organizar um calendário de atividades e se ater sempre a ele. Cada regional e/ou (arqui)diocese pode preencher com suas atividades locais o calendário geral que segue abaixo, já ciente das etapas que orientam as atividades específicas da Campanha durante o triênio 2017-2019.

É importante lembrar que muitas das atividades apresentadas no presente projeto também exigirão calendários pró ativos específicos para que seu processo possa ser melhor detalhado e visualizado pelas equipes responsáveis por sua execução.

ANO	ATIVIDADES PREVISTAS	ABRANGÊNCIA RESPONSABILIDADE	MESES													
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ		
2017	Composição do Grupo de Trabalho GT provisório para elaborar o projeto da Campanha	Nacional GT Provisório da Campanha														
	Contribuições e aprovação do projeto Campanha	Nacional Secretaria, Coordenação e Comissão Nacional de Assesores/as														
	Elaboração de uma identidade visual para a Campanha	Nacional GT Provisório da Campanha + SN / CN / CNA														
2018	Lançamento da Campanha	Nacional GT Provisório da Campanha														
	Sistematização das sugestões de ações (material) produzido no ENPJ	Nacional GT Central da Campanha														



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ANO	ATIVIDADES PREVISTAS	ABRANGÊNCIA RESPONSABILIDADE	MESES													
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ		
2018	Articulação e organização (orientação e indicações) dos GTs Geral e Central da Campanha.	Nacional Regionais			■	■	■	■	■	■						
	Liberação de uma pessoa para articulação nacional da Campanha	GT Central da Campanha									■	■				
	Elaboração e publicação de materiais oficiais (Cartilha de Orientações e cartaz)	Nacional GT Provisório da Campanha			■	■	■	■	■	■	■					
	Encontro para organização, construção e partilha das ações da Campanha, e partilha das ações regionais/locais;	Nacional GT Central da Campanha + SN / CN / CNA										■	■			
	Encontros de formação e organização da Campanha	Regionais e (arqui)dioceses		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Produção e divulgação de materiais (subsídios/roteiros de encontro, cartilhas, audiovisuais, folhetos...)	Nacional GT Central e Geral da Campanha		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Elaboração de Subsídios aos Grupos de Base e equipes pastorais	GT Central e Geral da Campanha											■	■	■	
	Elaboração de Subsídios aos Grupos de Base e equipes pastorais	GT Central e Geral da Campanha											■	■	■	
	Debates virtuais (mensais), com transmissão pelas redes sociais oficiais da PJ	Nacional GT Central da Campanha + SN/CN/CNA										■	■	■	■	■
	Qualificação da incidência midiática da Campanha.	Nacional GT Central da Campanha + SN/CN/CNA										■	■	■	■	■
	Realização de debate e de ações concretas pertinentes à Campanha, em âmbito local, aproveitando o impacto e a organização das Atividades Permanentes das PJs.	Regionais e (arqui)dioceses				■						■		■		



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

ANO	ATIVIDADES PREVISTAS	ABRANGÊNCIA RESPONSABILIDADE	MESES															
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ				
2019	Elaboração conjunta do Texto Base da Campanha;	GT Geral e Central da Campanha																
	Produção e Divulgação de materiais (subsídios/roteiros de encontro, cartilhas, audiovisuais, folde-res...)	Nacional GT Central e Geral + SN/CN/CNA																
	Elaboração de subsídios aos Grupos e equipes pastorais.	GT Geral e Central da Campanha																
	Debates virtuais (mensais), com transmissão pelas redes sociais oficiais da PJ	Nacional GT Central + SN/CN/CNA																
	Fortalecimento das estratégias de incidência midiática.	Nacional GT Central + SN/CN/CNA																
	Atividades Massivas descentralizadas	Regionais e (arqui)dioceses																
	Intervenção Social: fóruns, audiências públicas, incidência política.	Nacional, regionais e (arqui)dioceses GT Central da Campanha + SN/CN/CNA																
	Realização de debate e de ações concretas pertinentes à Campanha, em âmbito local, aproveitando o impacto e a organização das Atividades Permanentes das PJs.	Regionais e (arqui)dioceses																
	Processo preparatório da Ampliada Nacional da PJ	Nacional SN / CN / CNA																
2020	ANPJ	Nacional SN / CN / CNA																



ANEXOS

SISTEMATIZAÇÃO DAS PROPOSTAS DE AÇÕES/ATIVIDADES PARA OS EIXOS DA CAMPANHA – construção no 12º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (de 07 a 14 de janeiro de 2018, em Rio Branco/AC).

Obs.: Não se tratam de propostas acabadas, podendo então servir como base para ações nos regionais.

Anexo 1

Eixo: FORMAÇÃO

1. Dimensão teórico-conceitual da Campanha

1.1 Conceitos a serem conhecidos, construídos, esclarecidos, discutidos, assumidos...

- a. Machismo e Feminismo;
- b. Femismo;
- c. Masculinidade;
- d. Patriarcado;
- e. Feminismo negro;
- f. Homem pró-feminismo;
- g. Leitura feminista da Bíblia;
- h. Sororidade;
- i. Ciclos de violência (o que são, como funcionam);
- j. Empoderamento feminino;
- k. Feminismo dentro da Igreja;
- l. Dados de realidade;
- m. Espaço da Mulher na Igreja;



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- n. Tipo de violência (psicológica, física, midiática);
- o. Questões de gênero: igualdade entre gêneros, etc.;
- p. Femicídio;
- q. Relacionamento abusivo;
- r. Feminilidade;
- s. Padrões impostos;
- t. Sexualidade e Afetividade;
- u. Estrutura familiar (a origem do machismo);

1.2 Questões para debate:

- a. Um homem pode ser feminista?
- b. O que é protagonismo feminino?
- c. Qual o papel do homem dentro do processo do feminismo?
- d. Qual é o olhar da sociedade sobre o feminismo?

2. Atividades de Formação: Oficinas, Fóruns, Debates, Seminários...

- a. Fóruns diocesanos permanentes para ações afirmativas do combate aos ciclos de violência contra as mulheres.
- b. Cartilhas, revistas, subsídios (criar novos e retomar antigos);
- c. Ciclo de estudos em 11 etapas sobre os 11 tipos de violência contra as mulheres (textos, cine debates, livros).
- d. Encontros e/ou seminários regionais de repasse da Campanha.
- e. Oficinas para comunidade (escolas, universidades, e outros espaços públicos).
- f. PJ Nacional apresentar um filme por mês com um vídeo formativo com cunho de cine debate.
- g. Seminários sobre as mulheres encarceradas em parceria com a Pastoral Carcerária.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

h. A Campanha deve estar presente em todas as atividades permanentes da Pastoral.

3. Rodas de Conversa

Depois de contemplada a primeira etapa de Apresentação da Campanha, a proposta é a criação e veiculação das rodas de conversa, que serão organizadas por temas de referência e acontecerão de forma cíclica, estipulando-se periodicidade determinada entre cada uma delas:

3.1 Ano de 2018

a. Dia 8 de março: Lançamento da roda de conversa com o tema “Conceituação”, tratando dos termos existentes na luta;

b. Mês de junho: Lançamento da roda de conversa com o tema “Ciclos de Violência”, debatendo todas as formas de violência que interferem e prejudicam a vida da mulher, tais como violência psicológica, midiática, física, sexual, moral, doméstica, patrimonial, de gênero, institucional, intrafamiliar, entre outras;

3.2 Ano de 2019

a. Mês de fevereiro: Lançamento da roda de conversa com o tema “Masculinidade e Feminismo”, que contribuirá para com a desconstrução do modelo de imposição do homem, com a luta das mulheres, e a parceria do homem e da mulher para uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna;

b. Mês de junho: Lançamento da roda de conversa com o tema “Modos de enfrentamento: experiências e transformação da violência”, que abordará as formas de superação, vivência e luta diante das violências, bem como apontará novos caminhos para a Civilização do Amor;

c. Mês de Outubro: Lançamento da roda de conversa com o tema “Legislação e parcerias de proteção à mulher”, que abordará



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

as maneiras judiciais, os direitos e as parcerias que contribuem e garantem a proteção da mulher.

Algumas considerações:

- Todo o material das rodas de conversa será virtual e reunirá textos e reflexões;
- Trazer mulheres que tenham vivência de alguma forma de violência para contribuir nas rodas (Comunicação);
- A destinação principal das rodas de conversa é para os grupos de base, contribuindo com a formação sobre a Campanha;
- Foco na formação de lideranças sobre a temática da Campanha;
- A realização das rodas de conversa deverá considerar e reconhecer a realidade local de cada grupo e comunidade;
- É necessário construir o modelo das rodas de conversa.

4. Parcerias para Formação

- Pastoris, Movimentos e Organismos Eclesiais: Pastoral Familiar, Catequese, CEBs, Fé e Política, Pastoral da Criança, Pastoral da Mulher, Pastoral da Saúde, Pastoral Afro, Pastoral Carcerária, CNLB (Conselho Nacional de Leigos e Leigas do Brasil), Cáritas Brasileira;
- Movimentos Sociais/Populares/Globais, Organizações não governamentais, Grupos e Redes Sócio-comunitários: Rede “Grito pela Vida”, Movimento “Xingu Vive”, MAB, Movimento de Mulheres Camponesas, Levante Popular da Juventude, REJU, Sindicatos, REPAM, Anistia Internacional do Brasil, Rádios Comunitárias;
- Órgãos Públicos: CRAS, CREAS, Secretaria de Mulheres, Polícia Civil, Delegacias de Mulheres, Ministério Público, Defensoria



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Pública, Poder Judiciário, Centros de Referência da Mulher, Secretarias de Educação nos estados e municípios, ONU Mulheres, Casas/Centros de Direitos Humanos;

- Conselhos de Direitos: Conselhos de Juventude, Conselhos de Mulheres;
- Mídia: Jornal Brasil de Fato, Revista Senso, Blogs e sites municipais;
- Centros de Estudo, Pesquisa e Formação: Cajueiro, Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, CEBI;
- Redes de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contra as Mulheres;
- Outras Igrejas e denominações religiosas.

5. Materiais de Formação

- a. Mapa da Violência
- b. Criar folder para apresentar a Campanha para o público em geral.
- c. Criar texto e vídeo mais aprofundados para apresentar a Campanha para as parcerias.
- d. Integrar a Campanha da Fraternidade para abordar a Campanha: Nas ações de mobilização da CF, a PJ articular espaço para abordar a Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher.
- e. Dia Laranja: todo dia 25.
- f. Dia da Mulher
- g. 16 dias de Ativismo pelo fim da violência contra as mulheres.
- h. Materiais do CEBI.



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Anexo 2

Eixo: MÍDIA

- Fazer vídeos curtos da campanha, e que mostrem a mulher sendo violentada;
- Construir cartazes (dar visibilidade a campanha, em redes sociais e fora dela);
- Elaborar formas de ter homens falando de prevenção da violência;
- Fazer subcampanhas ao longo do tempo para não ser esquecida, não ser trabalhada apenas em uma data específica;
- Adesivar fotos de perfis das redes sociais com a logo da campanha;
- Utilizar todas as mídias para a divulgação da campanha;
- Tomar cuidado com os termos técnicos sobre o assunto durante a divulgação da campanha;
- Construir um canal específico no Facebook e no Youtube só para a Campanha;
- Fazer um aplicativo parecido com o “meter colher”;
- Fazer, durante a campanha, colocações e orientações de como agir após casos de violência; Mostrar quais os procedimentos a serem adotados diante de qualquer forma de violência;
- Fazer com que a campanha atinja dimensões micro e macro;
- Denúncia contra notícias falsas ou que caracterizem criminalização/violência contra as mulheres;
- Mapear os trabalhos acadêmicos que falam sobre o assunto;
- Fazer um canal similar a canal mídia ninja, comungando



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

com os nossos projetos nacionais;

- Criar um hino da campanha levando uma ideia de nomes de mulheres que lutam em defesa delas e do Bem Viver, de empoderamento feminino, e que possa ser rezada;
- Apresentar a Campanha nas bases de maneira lúdica, interativa, e não apenas em slides;
- Trabalhar a campanha em outras pastorais da nossa igreja, fazendo com que toda a igreja seja mobilizada.

Anexo 3

Eixo: ATIVIDADES DE MASSA

- Criar um Dia Nacional de atividades nas comunidades com dois eixos:
 - 1) Convocação de pessoas (marcha, pedalada, caminhada, show, palestra na comunidade, etc);
 - 2) Serviços prestados às mulheres (atendimento da defensoria pública, psicóloga, justiça restaurativa em conjunto com núcleo de justiça e paz, etc).

Foco de ação: contra a violência doméstica

Evento: Dia do Bem viver família

Será realizado um dia de atividades em praças de vários bairros e regiões da cidade simultaneamente.

Neste dia irá ocorrer atividades culturais e sociais.

- Culturais: rodas de conversa, apresentações teatrais e bandas, visando a conscientização da violência que ocorre com as mulheres em seus lares.
- Sociais: Cabeleireiros, manicures, massagistas, exames rápidos



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

e de mamografia, atendimentos com psicólogos e atividades físicas envolvendo todos os membros da família.

Serão distribuídos panfletos, cartazes, folders alertando sobre todo o ciclo de violência contra a mulher. Teremos também a presença de algumas representantes da delegacia da mulher para orientações e ajudas com denúncias.

Este evento será organizado pela PJ da sua região com a ajuda de parceiros

- Trocar a foto de perfil das redes sociais com símbolo da campanha para ajudar na divulgação;
- Romaria regional: ter um símbolo que passe pelas dioceses no processo preparatório – ter ajuda de padres onde esse diálogo possa ocorrer dentro de paróquias e comunidades
- Divulgar a campanha nas escolas;
- Encontros regionais sobre o assunto;
- Pensar em um jeito de ajudar não só a vítima, mas também o agressor.

Anexo 4

Eixo: ARTICULAÇÕES INSTITUCIONAIS

INCIDÊNCIA POLÍTICA

- Apresentar a proposta para a CNBB;
- Mobilizar em torno da agenda “16 dias de Ativismo”
- Mapear parlamentares que defendem a causa da feminista;
- Possibilidade de mobilização para projetos ao FNS;
- Articular um Fórum Regional;



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

– Articular fóruns municipal/regional (na abrangência da arquidiocese);

Parcerias:

- CNBB/CEPJ/Pastoral Juvenil;
- Fazer parceria com um corpo jurídico;
- Conselho Nacional de Psicologia;
- Instituto Maria da Penha;
- IFJ;
- Grupos que articulam a CF;
- Entidades ecumênicas (REJU, CONIC, CESE...);
- Cáritas e pastorais da Igreja;
- Conselho de Juventude (onde houver);
- Institutos de juventude (onde houver);
- Delegacias da mulher;
- Movimentos estudantis;
- Universidades e movimentos feministas;
- Secretarias municipais e estaduais das mulheres;
- CREAS;
- Dioceses;
- Setores diocesanos de juventude;
- Prefeituras, secretarias de saúde e educação.

Mapear agenda de lutas da PJ e qual inserção política que nós queremos seguir;

Ter clareza de qual concepção de feminismo que a campanha propõe

Na realidade de desmonte de políticas públicas, avaliar com cuidado com quem vale a pena dedicar força política no sentido da



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

articulação institucional

AÇÃO

- Leitura orante com linguagem feminista;
- Marchas das mulheres focalizando aquelas vítimas de violência;
- Formação pontes dos dois lados, feminismo e machismo;
- Formação feita em etapas especificando o verdadeiro sentido das caminhadas e marchas;
- Encontro (roteiro) com a temática: onde está o machismo?
- Subsídios de encontros, paróquias, tendo como temáticas: machismo e feminismo;
- Reflexão a nível de igreja ao mês mariano, destacando a mulher, fazendo reflexão ao novembro azul, objetivando o mês em destaque a saúde do homem;
- Construção do ofício da mulher;
- O dia nacional da campanha da mulher;
- Retiro de carnaval, relacionando a campanha da mulher;
- Construção de folders;
- Grupos de trabalho em defesa da vida das mulheres, a nível regional, diocese para articular conforme cada realidade;

ARTICULAÇÕES

Subsídios:

- Texto base da CF 2018;
- Agenda latino-americana 2018.

ESPIRITUALIDADE

- Várias faces dessas mulheres;



CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

- Quais tipos de violência;
- Como superar a violência;
- Espiritualidade mariana;
- Referências bíblicas de Maria;
- Tipos de mulheres: encarceradas, indígena, ribeirinha, quilombola, em situação de rua, mulheres trans, mulheres gordas ;
 - Leituras orantes: caminho do calvário; Madalena; Magnificat de Maria; Moisés; Marta e Maria; Samaritana; Ester; Ruth; Mulheres e Jesus; Verônica; Deuteronômio;
 - Buscar mulheres, ter debate, experiências, colocar algo concreto, fé e vida, realidades;
 - Buscar dinâmicas, músicas, filmes, documentários;
 - Músicas que falam de mulher;
 - Música de Maria;
 - Dinâmica: troca de papéis, comparação dos mesmos, se colocar na vida do outro.

